

## ENQUANTO HOVER REAL...

*Alessandra Fernandes Carreira*

### **RESUMO:**

Partindo de algumas referências freudianas, este artigo discute a continuidade entre o bem e o mal, considerando o vazio tanto aquilo que é temido e evitado pelo sujeito, quanto como aquilo que é necessário para a manutenção do desejo. Discorre, a partir de Lacan, a respeito das demandas contemporâneas de felicidade e completude, assim como sobre as ofertas pelo capitalismo de objetos que prometem satisfação; caracterizando a psicanálise como fundada em uma recusa ao atendimento dessas demandas. Tal recusa sustenta-se no desejo do analista, operador que permite reavivar a falta necessária à própria condição de sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vazio. Mal. Real. Desejo. Sintoma.

*“Te procurei porque estou precisando de um ‘coach’!”*. É assim que um empresário bem sucedido apresentou-se em sua primeira, e única, entrevista preliminar

à análise, nunca mais retornando para prosseguir com suas sessões. Acrescentou que, para ele, tudo ia muito bem na família e, especialmente, nos negócios. Ele comercializava um dos mais cobiçados *gadgets* oferecidos pela tecnologia na atualidade e conseguia fazer crescer cada vez mais sua empresa. Realizava pequenas infrações à lei nesse comércio, mas sempre saía ileso até então.

Porém, a despeito de todo esse sucesso, ele temia que pudesse vir a fazer algo ainda mais errado no trabalho e até mesmo chegar a trair sua esposa, embora não tivesse essa vontade, nem esta perspectiva. Ao imaginar essa não garantia da felicidade eterna, queria precaver-se do encontro com uma espécie de mal iminente, que se considerava em vias de causar a si mesmo. O *coach*, segundo ele, poderia ajudá-lo nisso, orientando-o e evitando a realização deste mal.

Embora o trabalho de entrevistas não tenha prosseguido e se tornado uma psicanálise, podemos aproveitar esta pequena vinheta para lançarmos uma pergunta: qual seria a necessidade, para um sujeito, de vislumbrar um mal em seu horizonte? A fim de desenvolver algumas articulações ao redor desta importante questão para a clínica e a contemporaneidade, abordemos, pois, o mal segundo a perspectiva da psicanálise.

É bem provável que a primeira referência ao mal na psicanálise reporte ao *Projeto para uma psicologia científica*, quando Freud (1895/1980) aborda o encontro inaugural com o objeto, a partir do qual o sujeito passa a buscar a repetição da primeira e inédita experiência de satisfação. Nesta busca, quando a satisfação é obtida, o objeto é julgado como um bem, pois aplaca o desprazer. Mas, quando tarda e não satisfaz suficientemente, é julgado como um mal. Assim, tendo por referente um mesmo objeto, que se alterna em presença e ausência, bem e mal são, para Freud, referências que surgem ao mesmo tempo.

Freud (1895) nomeia esse objeto mítico e primordial como *das Ding* (a Coisa) e adverte-nos que nenhum objeto oferecido pela realidade estará à altura da imagem recordativa deste objeto, a qual permanece no aparelho psíquico. Nunca será possível este encontro, mas somente reencontros com objetos substitutos. Com isso, um vazio recorrente acompanhará o sujeito por toda a sua vida, em todas as suas experiências de satisfação.

Apesar de ser experimentado como desprazer e julgado como um mal, Freud mostra-nos que o vazio é também mola propulsora de um movimento permanente, uma pulsação constante do aparelho psíquico que se mantém justamente porque visa um

objeto que não pode ser encontrado. Caso o fosse, geraria um excesso de bem que, paradoxalmente, funcionaria como um mal, pois condenaria o sujeito a uma inércia mortífera. Isso é trazido por ele (FREUD, 1905) através da referência ao mito que Aristófanos apresenta em *O Banquete* (PLATÃO, 380 a. C) sobre a origem do amor, no qual um ser esférico originário sofre uma maldição dos deuses, sendo dividido em duas metades. Cada uma delas passa então a vagar à procura da outra. Entretanto, quando se encontram, entrelaçam-se e não querem mais se separar, sob o risco de morrerem de fome e de sede.

Diante disso, a partir das contribuições de Lacan sobre a aplicação da Topologia à psicanálise, podemos pensar que na concepção freudiana o bem e o mal possuem uma estrutura moebiana, ou seja, unilátera, sem direito e avesso (GRANON-LAFONT, 1985). Eles se constituem como uma superfície contínua, passando de um a outro sem estarem por isso expostos à contradição. Dito de um outro modo: aquilo que ora é remédio, torna-se veneno e assim sucessivamente.

Quanto a isso, em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), o mal é reconhecido na pulsão de morte, que é uma tendência de retorno à homeostase, de apaziguamento da tensão que pode levar à destruição. Isso significa, em outros termos, que o princípio do prazer pode servir à pulsão de morte.

Já em seu artigo sobre a denegação, diferentemente de Aristóteles, que toma o juízo de existência como anterior ao de atribuição, Freud (1925) defende que um objeto só pode ter a sua existência afirmada a partir de seus atributos. Concebe, com isso, a origem do pensamento como atrelada ao juízo de atribuição, que podemos tomar, a partir da lógica, como a introdução de um operador de exclusão, uma vez que qualifica o objeto como um bem *ou* como um mal. Tal operação cinde o objeto, afirmando a representação do bem no aparelho psíquico e, ao mesmo tempo, dele expulsando o mal.

No entanto, este último persiste como um estranho (*das Unheimlich*) que retorna de fora do campo representacional cernido pela afirmação/expulsão. Trata-se, portanto, de um retorno sem representação e sem representante. Com isso, fica evidente que esse estranho era, a princípio, o mesmo que o bem, o mesmo que o familiar (FREUD, 1919a e 1925). Evidencia-se, ainda, que o dentro e o fora não são constitucionais, pois sua existência só pode ser afirmada a partir de uma montagem logicamente fundada no juízo de atribuição.

Também vemos Freud preocupar-se em localizar a configuração do mal na gramática pulsional do sujeito, a qual ele aborda a partir as vozes verbais (ativa, passiva

e reflexiva) (FREUD, 1915). Com isso, toma-o primeiramente como sadismo, um mal dirigido ao outro em virtude de um estado de frustração do sujeito. Mas considera que, por causa da culpa, essa posição ativa do sujeito se apresenta, na realidade, invertida em uma aparente posição passiva, em um masoquismo (FREUD, 1919b). Diante de sua experiência clínica com os neuróticos, ainda, acaba concluindo que o mal irrompe como um masoquismo primário (FREUD, 1924), isto é: o sujeito dirige o mal a si mesmo, o que revela uma voz verbal reflexiva que o coloca, ao mesmo tempo, como agente e paciente.

Acompanhados por esse percurso de Freud, voltemos então à questão: qual é a utilidade do mal para o sujeito?

Sabemos que Lacan (1960-1961) dá ao vazio, que remete à origem do mal em Freud, o status de condição necessária para a existência do sujeito e do desejo, os quais surgem ao mesmo tempo porque emergem nos intervalos da cadeia significante, e não na significação e no sentido “que essa cadeia engendra. A partir do *toro*, figura topológica de revolução, ele ilustra a repetição, que é a própria cadeia significante, mostrando-nos que ela nunca atinge o centro vazio, mas sim o forja continuamente, estabelecendo-o como uma constante, fazendo surgir o repetente (Lacan, 1967). Trata-se das voltas da demanda (círculo pleno), por dentro das quais corre o desejo (círculo vazio).

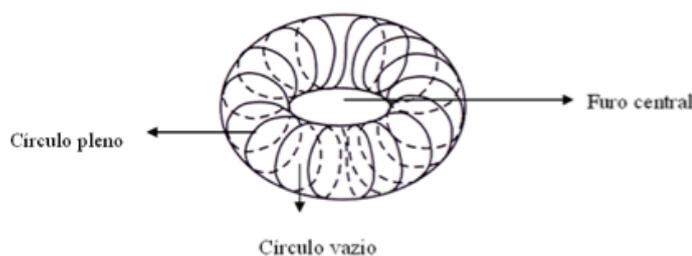


FIGURA 1: Toro

FONTE: Lacan (1960-1961/2003)

O sujeito e o desejo, assim, não são articulados na cadeia significante, embora sejam articuláveis porque essa cadeia existe (Lacan, 1960). Eles remetem a um registro que nunca passa ao simbólico. Trata-se do Real que, em Freud, é aludido muitas vezes como o lugar do mal, do que foi expulso, do estranho. Mas, é também o lugar de

um bem, uma vez que sustenta a liberdade possível ao ser falante, que é um ser para a falta.

Em “Kant com Sade”, Lacan (1966) trata essa questão recorrendo a um tema importante na literatura do século XIX: a felicidade no mal. Encontrando em Goethe e Baudelaire alguns de seus principais representantes, esse tema literário rompe com a benevolência iluminista do século XVIII, que tomava o homem como bom por natureza, benevolência esta que encontramos, por exemplo, na obra de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Trata-se de uma felicidade que se dá no sofrimento ou, como diria Baudelaire (1857), que brota com as flores do mal.

Lacan (1966) afirma que a concepção freudiana do prazer só pode nos fazer render homenagem a esse tema literário. Como vimos, para Freud (1920), tanto a busca pelo bem pode acabar mal, quanto o mal pode funcionar para o sujeito como um bem, mola para manter o aparelho psíquico trabalhando. É o que se passa com *Fausto* (Goethe, 1806 e 1832) que, movido por sua vontade de sempre avançar no futuro e poder gozar plenamente da felicidade, vivendo sem envelhecer, faz um pacto com o diabo em que perde, em troca dessa vontade de gozo, a sua alma.

Nesse sentido, o empresário bem sucedido parecia estar bem mal, acometido por uma felicidade excessiva que o estava deixando angustiado diante da falta da falta (Lacan, 1962-1963). O pacto estava feito, mas o diabo enamorado ainda não lhe perguntara: *Che vuoi?* Adicto do sucesso, esse homem só conseguia pedir ainda mais felicidade ao Outro, que ora nomeado ‘coach’. Tentando haver-se com isso, procurava fabricar um mal, uma falta, em seu horizonte. Fabricação imaginária que não lhe servia para reacender o desejo, estratégia miserável que o conduzia ainda mais ao pior.

Em um movimento parecido ao desse *Fausto* empresário, a cultura oferece ao sujeito algumas alternativas para tentar fazer frente ao estado de desamparo que o sujeito experimenta no sem-sentido; ignorando no entanto o mal que esse pretense bem pode desencadear. No seminário sobre a ética da psicanálise, Lacan (1959-1960) reporta à religião e à ciência moderna como duas delas.

Ele coloca a religião como preservando miticamente o vazio, que é transformado em um lugar de adoração e ganha o status de um mistério. Com isso, a ideia de Deus e tudo o que envolve a origem ganha o caráter de dogma, uma verdade absoluta, que não precisa ser comprovada e que nem pode ser questionada pelo fiel. Posteriormente, ele afirma que o sentido é sempre religioso (Lacan, 1973-1974) e nomeia a religião como o triunfo da ilusão: uma tentativa de cura, através do sentido, do mal-estar que assola a

civilização (Lacan,1974a). Assim, a religião funciona como uma espécie de anteparo que tenta fazer frente a um mal maior: o desamparo do pai, isto é, a inexistência de ao menos um fora da castração.

Já em relação à ciência moderna, fundada por René Descartes, Lacan (1964-1965) afirma que ela empreende uma negação radical do vazio a partir do momento em que separa o saber e a verdade, essa última permanecendo foracluída de seu campo. Com isso, trata apenas o saber, aquilo que se articula, não querendo nada saber sobre aquilo que insiste em resistir ao simbólico. Quanto a isto, vejamos o que Lacan (1964-1965) nos diz em “Problemas cruciais para a psicanálise”:

A tentativa de Descartes não é uma tentativa de verdade (...) ele se propôs um objetivo, um fim que é aquele de uma certeza (...). É essa rejeição da verdade fora da dialética do sujeito e do saber que é propriamente falando o nervo da fecundidade do percurso cartesiano. (...) E pela via aberta, a ciência entra e progride, o que institui um saber que não tem mais que se embarçar com esses fundamentos da verdade (p. 410).

O problema da verdade, deixado de lado a partir de Descartes, permitiu o surgimento da ciência moderna que, ao contrário do que se passava até então, desenvolveu-se desatrelada da religião. Mas, ao mesmo tempo, essa ciência também inaugurou um outro campo, cernido pela verdade que a ela escapa e pelo sujeito que ela exclui.

É justamente aquilo que foi deixado de fora pela ciência que faz retorno nessa experiência que é a psicanálise. Esse retorno não se dá a partir de um afrontamento do saber ou da certeza, pois o psicanalista sabe que isso é ineficaz (Lacan, 1964-1965). Mas, também não é um retorno que move uma busca desenfreada pela verdade, uma vez que uma busca desta natureza desembocaria, inevitavelmente, na religião (Lacan, 1973-1974).

A verdade, para Lacan (1969-1970), só pode ser meio dita. Ela é tocada no contorno que se pode traçar a partir do sintoma e da fantasia, pois é a partir deles que algum saber, a respeito daquilo que não se quer saber, pode se articular. Assim, podemos dizer que a psicanálise nasce com a ciência moderna, mas se configura como uma espécie de contra-experiência do cogito cartesiano. Quanto a isto, Lacan (1964-1965) nos diz:

É precisamente (...) esse estado extremo que a descoberta de Freud subverte; descoberta que quer dizer e que diz que há um *eu penso* que é saber sem o

saber; que a ligação está disjunta (...). Ali onde eu penso, eu não sei o que sei, e não é ali onde eu discurso, ali onde eu articulo, que se produz esse anúncio que é aquele de meu ser de ser, do *eu sou* do ser, é nos tropeços, nos intervalos desse discurso que eu encontro meu estatuto de sujeito. Ali me é anunciada a verdade onde eu não mais vigio àquilo que vem em minha palavra (p. 411).

Portanto, por não ser uma experiência de sentido, a psicanálise não se encontra no campo da religião, mas possui alguma proximidade com o da ciência, uma vez que o saber faz parte de sua experiência. Podemos dizer que o campo da psicanálise é aquele do retorno da verdade e do sujeito, campo este bordejado pelo significante, mas não todo "significantizável".

Contudo, na contemporaneidade, a psicanálise depara-se cada vez mais com um efeito da ciência que não lhe é sem consequências: a tecnologia. Nesse sentido, em seu seminário sobre os quatro discursos, Lacan (1969-1970/1992) aborda os objetos de consumo produzidos pela ciência a serviço do capitalismo. São proposições substitutivas oferecidas ao sujeito como esperança de tamponamento da falta ou, como ele próprio nomeia, objetos mais de gozar. Mas, ao invés de adotar o termo corrente *gadgets* (geringonças) para nomear esses objetos, ele forja um neologismo para designá-los: “E quanto aos pequenos objetos *a* que vocês vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar seu desejo, na medida em que é a ciência agora que o governa, pensem neles como *latusas*” (LACAN, 1969-1970, p. 153, grifo nosso).

O neologismo *lathouse*, traduzido para o português por *latusa*, reúne os termos gregos *alétheia* (ἀλήθεια) e *ousia* (Οὐσία). Desde a Antiguidade Clássica, *alétheia* é um termo utilizado tanto para referir à verdade buscada pela Filosofia, quanto à realidade. Posteriormente, segundo Aguiar (2012), Heidegger realizou uma análise etimológica desse termo, recuperando o significado do prefixo *a* (negação) e do substantivo *lethe* (esquecimento). Consagrou, com isso, a acepção de desvelamento para esse termo.

Já o termo *ousia*, bastante utilizado por Platão e Aristóteles, foi tomado por séculos como significando essência ou substância, em virtude de sua tradução para o latim, que se propagou para as demais línguas de origem latina. Foi também Heidegger (1927) quem recuperou, a partir da etimologia, o significado de "ser" para esse termo, uma vez que ele deriva do feminino do particípio presente do verbo ser no grego.

Lacan parte dessas duas acepções estabelecidas por Heidegger para criar o neologismo *latusa*, que literalmente significa a “verdade desvelada do ser”. E que

verdade é essa? Nesse sentido, é interessante pensar que o tamponamento da falta pretendido pelas *latusas* é homólogo aquele presente na constituição de um fetiche, pois ambos operam uma forma de negação ambígua da falta (*Verleugnung*): ao mesmo tempo que a negam, a afirmam.

As *latusas*, assim, podem ser tomadas como fetiches oferecidos ao sujeito como mercadorias, isto é, possuem valor de uso e valor de troca, no sentido marxista. Ao mesmo tempo que elas velam, também desvelam o vazio, que remete à verdade do ser. Sua eficácia deve-se, porém, a um desvelamento que reacende a falta não como um vazio absoluto, mas sim atribuindo-lhe o status de uma falha e imediatamente redirecionando o sujeito para uma nova *latusa*, que renova a promessa de felicidade.

Podemos incluir no conjunto das *latusas* os medicamentos psicotrópicos, as técnicas para superação rápida e eficiente do sofrimento do sujeito e, até mesmo, de prevenção de possíveis futuras dificuldades que esse venha a enfrentar ao passar por situações que, na realidade, fazem parte da vida. É a tecnologia a serviço do gozo, produtora de uma alienação que pode chegar ao ponto de levar o sujeito à afânise.

Não obstante, como brinca Lacan (1969-1970), ainda assim aparecem sulcos na aletosfera, que é o nome dado por ele ao espaço criado pelas aplicações da ciência, ou à esfera de sabedoria científica que nos rodeia. Mesmo na ex-fera, símbolo da perfeição na Antiguidade, as feras do Real fazem seus buracos e o sujeito é relançado ao mal, ao vazio que, apesar de temido, é também o que pode colocar em movimento o desejo.

Dessa forma, para que a lâmina cortante da verdade freudiana (LACAN, 1964a) opere, é preciso que a psicanálise recuse-se a responder com *latusas* às demandas contemporâneas, fazendo frente a esse imperativo de gozo cada vez mais constante e insistente em nossos tempos. Tal recusa só pode fundar-se naquilo que Lacan chamou de desejo do analista, que é o “(...) que, em última instância, opera na psicanálise” (LACAN, 1964b, p. 868).

A noção de desejo do analista é reduzida a um mínimo estrutural e lógico no matema do discurso do analista (LACAN, 1969-1970). Tendo o objeto *a*, causa do desejo, como agente, esse discurso opera no campo de gozo do sujeito, sempre recusando ao analisante uma estabilização do sentido, ou seja, fazendo objeção ao mais-de-gozar que ele procura extrair do encadeamento significante.

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

FIGURA 2: Discurso do analista  
FONTE: Lacan (1969-1970/1992)

Como nos diz Lacan (1973-1974), o discurso do analista coloca em cena uma recusa à captura no espaço do ser falante. Essa recusa só pode operar a partir de uma posição de tolice frente ao Real, uma vez que dele não se sabe, pois ele irrompe sempre como surpresa, que se produz quando do encontro com o impossível (LACAN, 1964-1965).

Tal posição encontra suas condições de possibilidade em uma análise levada a termo. A direção de uma análise deve visar, portanto, a uma recusa do sujeito por amar seu inconsciente (LACAN, 1973-1974), configurando um giro de discurso que retira o inconsciente do lugar da verdade e lhe dá o devido lugar: o de *um* saber.

O que o desejo do analista sustenta, então, não é da ordem de uma espera do inesperado. Seu status só pode ser descrito em torno desse campo da espera. Ele deve se sustentar, antes sim, em uma abertura, um atravessamento do sentido que faz face à angústia porque não nega a falta.

Em relação a isso, Lacan (1974b) perguntou-se se a psicanálise seria um sintoma. O sintoma não se restringe a uma andaimaria de significantes, a partir da qual ele pode se proliferar ou extinguir. O sentido do sintoma remete, em última instância ao Real, àquilo que “(...) impede que as coisas andem no sentido em que dão conta de si mesmas de maneira satisfatória” (LACAN, 1974b, p. 168). Assim, é por causa do Real que o sintoma insiste, como retorno do mal que reapresenta ao sujeito o vazio ao qual ele deve sua existência. É justamente desse retorno, que esburaca esse *um* saber que se inventa para colocar no lugar da falta (LACAN, 1973-1974), que nasce a psicanálise.

A contemporaneidade pede à psicanálise que ela libere o sujeito desse retorno sempre ao mesmo lugar, retorno do Real. Todavia, caso triunfe nisso, a psicanálise se transformará em uma verdadeira religião e se extinguirá, restando apenas como um sintoma esquecido (LACAN, 1974b). Portanto, é preciso que ela fracasse em relação ao que lhe é demandado para que ela tenha algum futuro: “(...) o futuro da psicanálise é algo que depende do que advirá desse Real, ou seja, se as engenhocas, por exemplo, ganharão verdadeiramente a dianteira, se chegaremos a ser, nós mesmos,

## **ENQUANTO HOVER REAL...**

verdadeiramente animados pelas engenhocas. Devo dizer que isso me parece pouco provável (LACAN, 1974b, p. 18).

Para concluir, vale retomar a afirmação aparentemente tautológica de Lacan de que é psicanálise o que se espera de um psicanalista. É claro que a psicanálise pode não durar para sempre pois, enquanto sintoma, ela depende de um Real que foi posto em jogo pela exclusão da verdade e do sujeito efetuada ciência moderna. Dessa forma, enquanto houver Real, haverá lugar para essa profissão impossível.

**Referências:**

AGUIAR, Tânia (2012). *A relação da educação com a verdade: considerações a partir da interrogação, do saber e da técnica*. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BAUDELAIRE, Charles (1857). *As Flores do Mal*. 2a ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 381-511). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980.

\_\_\_\_\_. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1919a). Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1919b). O estranho. Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1924). O problema econômico do masoquismo. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1925). A negativa. Vol. XIX.

GOETHE, Johann Wolfgang Von (1806). *Fausto I – Uma tragédia*. (4a ed.). São Paulo: Editora 34, 2013.

GRANON-LAFONT, Jeanne (1985). *La Topologie Ordinaire de Jacques Lacan*. Paris: Point Hors Ligne.

## ENQUANTO HOVER REAL...

HEIDEGGER, Martin (1927). *Ser e tempo*. (5a ed.). Petrópolis: Vozes, 1998.

LACAN, Jacques (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1961-1962). *A Identificação*. Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_ (1966). Kant com Sade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1962-1963). *O seminário de Jacques Lacan, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_ (1964a). Ato de fundação. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_ (1964b). Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1964-1965). *Problemas cruciais para a psicanálise*. Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011.

\_\_\_\_\_ (1966-1967). *A lógica da fantasia*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2009.

\_\_\_\_\_ (1969-1970). *O seminário de Jacques Lacan, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_ (1973-1974). *Le non-dupes errent: Seminário XXI*. Tradução literal do francês para o português a partir da transcrição de notas tomadas por alguns alunos de Lacan, 1994.

*Alessandra Fernandes Carreira*

\_\_\_\_\_ (1974a). *O triunfo da religião - Coleção Campo Freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_ (1974b). A terceira. In *Jacques Lacan: Intervenciones y Textos 2*. Avellaneda: Manantial, 1993.

PLATÃO (380 a.C.). *O Banquete*. Lisboa: Edições 70, 2007.

**WHILE THERE IS REAL...**

**ABSTRACT:**

Building on some Freudian references about evil, this article discusses the continuity between good and evil, considering the emptiness as something feared and avoided by the subject, but also as something necessary for maintaining desire. It treats, based on Lacan, the contemporary demands of happiness and fulfillment, as well as the objects offered by the capitalism that promise satisfaction; what characterize psychoanalysis as founded on a refusal to answer these demands. Such refusal is sustained by the desire of the analyst, operator that permits to revive the lack that is necessary to the subject condition itself.

**KEYWORDS:** emptiness, evil, Real desire, symptom

**PENDANT IL Y A LE RÉEL...**

**RÉSUMÉ:**

S'appuyant sur des références freudiennes, cet article traite de la continuité entre le bien et le mal, considérant le vide comment ce qui est craint et évité par le sujet, mais aussi bien nécessaire pour le maintien de désir. On fait une discussion, à partir de Lacan, sur les demandes contemporaines de bonheur et d'complétude, ainsi que sur les objets que le capitalisme offre et qui promettent la satisfaction; en caractérisant la psychanalyse comme fondée sur un refus de répondre à ces demandes. Un tel refus est maintenu par le désir de l'analyste, qui est un opérateur qui permet de faire revivre la faute qui est nécessaire pour la propre condition du sujet.

**MOTS-CLÉS:** Vide. Mal. Réel. Désir. Symptôme.

*Alessandra Fernandes Carreira*

Recebido em: 07-03-2015

Aprovado em: 12-05-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)